



Ciência & Saúde Coletiva

ISSN: 1413-8123

cecilia@claves.fiocruz.br

Associação Brasileira de Pós-Graduação em
Saúde Coletiva
Brasil

Bastos Figueiredo, Ana Elisa

Brasil. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. Brasil: Manual de Enfrentamento à Violência contra a Pessoa Idosa. É possível prevenir. É necessário superar. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República; 2013.

Ciência & Saúde Coletiva, vol. 19, núm. 8, agosto, 2014, pp. 3617-3620

Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva
Rio de Janeiro, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=63031151032>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Brasil. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. *Brasil: Manual de Enfrentamento à Violência contra a Pessoa Idosa. É possível prevenir. É necessário superar*. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República; 2013.

Ana Elisa Bastos Figueiredo ¹

¹ Centro Latino-Americano de Estudos sobre Violência e Saúde Jorge Careli, Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz.

A violência contra a pessoa idosa tem sido tema das agendas de vários órgãos governamentais entre eles a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. Alguns encaminhamentos importantes foram dados na busca por alternativas de prevenção dos atos violentos praticados contra a pessoa idosa, assim como formas de intervir no sentido da superação desse impasse que tem acompanhado a sociedade brasileira nestes últimos anos. Essa é a percepção que temos ao ler o *Manual de enfrentamento à violência contra a pessoa idosa. É possível prevenir. É possível superar* elaborado por Maria Cecília de Souza Minayo e publicado pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. Como afirma a autora *este manual fala [...] do lado contrário do direito, ou seja, da sua violação sob as mais diferentes expressões visíveis e invisíveis*. Assim como os dois primeiros manuais elaborados pela mesma autora, marca sua diferença ao tratar especificamente e singularmente da violência contra idosos.

O texto compõe-se de *Introdução*, onde são nomeados os eixos centrais que balizam as reflexões da autora: aspectos sociodemográficos, socioantropológicos, socioepidemiológicos e estratégias de superação das expressões de violência. Aponta passos percorridos pelos organismos nacionais e internacionais na tentativa de estabelecer uma agenda mínima de documentos, planos, projetos e leis que garantam ao idoso qualidade de vida compatível com sua situação de cidadão não só de deveres, mas de direitos. Entre esses organismos e documentos encontram-se a Organização das Nações Unidas, que durante a I Assembleia Mundial sobre Envelhecimento definiu parâmetros fundamentais para caracterização de quem é considerado idoso do ponto de vista da idade cronológica, mas principalmente a garantia da sua segurança econômica e social, assim como a sua inserção no processo de desenvolvimento dos países desenvolvidos ou em desenvolvimento, e o Estatuto do Idoso cujo texto prioriza o atendimento às necessidades básicas deste e a manutenção de sua autonomia.

A *Primeira Parte* do Manual, *Contexto sociodemográfico, cultural e saúde* é composta de 3 capítulos: no primeiro, *Cresce velozmente, envelhece e se diversifica a*

população idosa brasileira é traçado um panorama do crescimento populacional diversificado desse grupo etário e os desafios apresentados como fator importante para o gerenciamento desse crescimento. No segundo, *Como a população brasileira vê a revolução da pessoa idosa* são abordadas questões relacionadas à *violência social difusa e generalizada* cujas expressões mais significativas são a *discriminação* e o *preconceito*, e que tem uma estreita ligação com o crescimento da população idosa. No terceiro, *A população idosa saudável e a que precisa de apoio* a capacidade e a incapacidade funcional são aspectos prioritários. Mostra a necessidade de se ampliarem as formas de atenção e cuidados àqueles idosos que deles necessitam, com ênfase na “morte digna” como uma questão de direito e no apoio à família a quem foi delegada, pelo Estado, a tarefa de cuidar. Como afirma a autora: *Faltam equipamentos sociais e ações concretas para apoiar os familiares, num país que reconhece todos os direitos da pessoa idosa dependente, mas ainda não criou instrumentos eficazes para assegurá-los*.

A *Segunda Parte: As situações de violência* é subdividida em quatro capítulos: *Definições de violência contra a pessoa idosa; As violências que as estatísticas mostram; Causas violentas que levam as pessoas idosas aos hospitais; A violência difusa, permanente e insidiosa* em que são apresentadas algumas definições de violências *visíveis* e *invisíveis* e suas várias formas de manifestação elaboradas pela Organização Mundial de Saúde e adotadas pelo Estatuto do Idoso, no Brasil, entre as quais se destacam: *os abusos físicos, psicológico, sexual, abandono, negligência, abusos financeiros, autonegligência e violência autoinfligida*. Destaque à violência autoinfligida, traduzida sob a forma de suicídio e tentativas de suicídio, em que pesquisa atualmente realizada pelo Claves/ENSP/Fiocruz, vem mostrando sua gravidade e a necessidade de atenção do ponto de vista dos órgãos governamentais.

Entre as causas que levam os idosos a recorrerem ao atendimento nos serviços públicos de saúde, no Brasil como um todo e em algumas de suas capitais, estão quedas e acidentes de trânsito, fatos demonstrados estatisticamente nos gráficos: *óbitos por causas externas relativas ao óbito geral; mortalidade por causas externas em idosos; mortalidade por causas externas em idosos segundo sexo; mortalidade por causas externas específicas em idosos; mortalidade por agressões em idosos; mortalidade por lesões autoprovocadas em idosos; óbitos por acidentes de transporte e quedas; mortalidade por quedas em idosos; mortalidade por acidentes em transporte em idosos*. Vale ressaltar que esses dados referem-se ao período de 1996 a 2011. A violência difusa, permanente e insidiosa é traduzida na violência estrutural, nos abusos econômico-financeiros e patrimoniais,



na violência institucional e na violência intrafamiliar. Ressalva para os familiares cuidadores em que estudos têm apontado para a desmistificação de que essas pessoas seriam os maiores agressores dos idosos, pois o que se observa é que embora a elas seja delegada a tarefa de cuidar falta-lhes suporte emocional, material e institucional por parte dos órgãos governamentais para que elas possam aliviar o seu sofrimento de ver seu ente querido sofrendo e impotente em relação às alternativas oferecidas pelo poder público que são poucas ou quase nenhuma.

A *Terceira Parte* e última do Manual se refere às *Estratégias de ação* para o enfrentamento das questões expostas. A *Estratégia 1* cuja proposta é o investimento em uma sociedade que contemple todas as idades, trata de ações que, embora beneficiem a pessoa idosa, beneficiará também as pessoas das diversas faixas etárias. A melhoria da qualidade de vida das pessoas idosas é o ponto principal e para isso é necessário investir em políticas públicas que evidenciem o cuidado, a proteção e a subjetividade dos idosos, tanto na esfera privada – família –, como na esfera pública – espaços sociais de modo geral – ou seja, nos espaços compartilhados; A 2 prioriza os direitos da pessoa idosa, conforme proposto por todas as convenções internacionais. Enfatiza ações governamentais, tanto no nível federal como: incrementar os mecanismos de denúncia de atos violentos como o “Módulo Idoso do Disque Direitos Humanos”; incentivar e estimular campanhas e movimentos que sensibilizem a população sobre o envelhecimento e a violência, garantindo meios eficazes para sua prevenção; dirigir o olhar e a atenção às Instituições de Longa Permanência para os Idosos, não só oferecendo instrumentos para a melhoria do atendimento, como também na criação de novas instituições, pois as que atualmente existem não contemplam a demanda; dedicar especial atenção aos serviços que possam dividir com as famílias os cuidados aos idosos; como no nível local, a partir de um diagnóstico situacional em relação ao idoso e seus principais desafios. A 3

ênfatiza o protagonismo dos idosos, no sentido de que estejam presentes em todas as instâncias onde são discutidos seus direitos e ações para garanti-los – *nada sobre nós sem nós*. A 4 dedica especial atenção ao apoio às famílias que acolhem pessoas idosas em suas residências, oferecendo-lhes serviços públicos de assistência domiciliar; à formação de cuidadores familiares e profissionais; às orientações aos cuidadores para prevenir o esgotamento físico e mental que muitas vezes acometem essas pessoas; ao atendimento médico especializado emergencial a quem a família possa recorrer em caso de necessidade. Essas 4 primeiras estratégias mostram o caminho para uma intervenção mais incisiva do ponto de vista da atenção. A 5 *Criar espaços sociais seguros e amigáveis fora de casa*; a 6 *Formar profissionais de saúde, assistência e cuidadores profissionais*; e a 7 *Prevenir dependências*, estão voltadas para a prevenção propriamente dita, o que não quer dizer que as outras estratégias não apontem em suas entrelinhas caminhos a serem percorridos visando também a prevenção. No aspecto relativo à formação de profissionais de saúde e cuidadores a autora sinaliza a atenção para a frequência com que os idosos procuram o serviço com queixas repetidas relacionadas a diagnóstico já definido; a falta de regularidade às consultas já agendadas; a sinais físicos de que alguma coisa não está bem e por fim às explicações dos familiares sobre lesões ou traumas sofridos pelos idosos. Esta estratégia está intimamente relacionada à prevenção de dependência e à criação de espaços seguros nos quais os idosos vão transitar.

Um último comentário sobre este Manual apresentado ao leitor – profissionais, familiares, cuidadores, idosos e aqueles que se interessam pela prevenção e atenção aos idosos do ponto de vista da violência – me permite dizer que fomos privilegiados pela autora ao nos apontar os caminhos e descaminhos de uma ação interventiva – atenção e prevenção – no sentido de contemplar a demanda dos idosos e acolher seus medos, suas angústias, seu sofrimento, seu apelo à vida com qualidade.

Trench B, Rosa TEC. *Nós e o Outro: envelhecimento, reflexões, práticas e pesquisa*. Organizado por. São Paulo: Instituto de Saúde; 2011. (Temas em Saúde Coletiva, 13)

Ana Elisa Bastos Figueiredo¹

¹Centro Latino-Americano de Estudos sobre Violência e Saúde Jorge Careli, Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz.

O livro ora apresentado ao leitor é uma coletânea, composta de *Prefácio* no qual Maria Cecília de Souza Minayo aborda a questão do *Envelhecimento demográfico e o lugar do idoso no ciclo da vida brasileira*, em que aspectos sociodemográficos e culturais são colocados à mostra; de *Apresentação* em que as organizadoras discorrem sobre os temas abordados enfatizando que *quando as fronteiras entre idades sofrem transformações ou diluições [...] também geram novas formas de comportamentos identitários*. É sobre essas fronteiras e formas de comportamentos que esta coletânea vai tratar, distribuída em quinze artigos, produzidos a partir de pesquisas realizadas pelos autores.

Nos artigos *Envelhecimento e interdisciplinaridade*, de Guiomar Silva Lopes e *Sentidos e espaços da velhice na legislação brasileira*, de Adriano da Silva Rozendo, são postos em relevância: as teorias sobre o envelhecimento principalmente a vertente determinista, a teoria do acúmulo dos erros estocástico e as teorias relacionadas ao envelhecimento como um fenômeno de natureza multicausal; a multiplicidade e a singularidade do envelhecimento categorias importantes para a compreensão do envelhecer; a geriatria e a gerontologia como saberes que buscam respostas aos problemas oriundos das transformações físicas e mentais decorrentes do processo de envelhecimento; a interdisciplinaridade enquanto conjugação de saberes diversos que vão orientar os estudos sobre o envelhecimento; a Constituição Federal de 1988 e sua compreensão sobre a velhice e o idoso e as Políticas dirigidas ao idoso como a Política Nacional do Idoso e o Estatuto do Idoso.

Nos artigos *Envelhecimento na perspectiva feminista*, de Wilza Vieira Villela et al. os protagonistas são Simone Beauvoir e seu ensaio *La vejez*, escrito em 1970, Germaine Greer e seu *Mulher, Maturidade e Mudança*, em que a autora utiliza a inspiração psicanalítica sobre a castração real e simbólica como pano de fundo, e as questões levantadas pela mulheres do Coletivo Boston no livro publicado em 1987 *Envelhecer Juntas* sobre a homo e a heterossexualidade, a masturbação, a prevenção do HIV, os amores e paixões despertados e acalentados pelos idosos, desmistificando a ideia de que existe uma relação direta e inexorável entre envelhecimento, deficiência, restrição e perda.

Em *Sexualidade e envelhecimento*, Margarida Barreto et al., o ponto nevralgico gira em torno da anatomia do desejo e as barreiras culturais para a sua realização, a identidade social e sexual de homens e mulheres e os mitos que envolvem o envelhecimento, no qual os autores apontam uma compreensão do fenômeno fazendo uma interlocução entre a psicanálise e a antropologia.

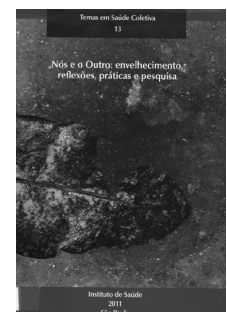
Em *O fim do sangue*, Belkis Trench e Rafael Tashiro Miyashiro, por meio de um estudo etnográfico com mulheres índias guaranis buscam compreender como elas experienciam o seu envelhecimento e mostram como as reduções simbólicas relacionadas à menopausa - *fim do sangue* - dão sentido às práticas sociais e às relações de gênero.

Em *Corpo e Sexualidade nas experiências de envelhecimento de homens gays*, de Júlio Assis Simões, o foco é a homossexualidade masculina dos idosos traduzida em corpo, sexualidade e relacionamentos reproduzidas nas falas colhidas em entrevistas em profundidade – histórias contadas – realizadas e analisadas pelo autor que sinaliza para um olhar cuidadoso sobre o fato de que os gays velhos são obrigados a pagar para ter uma companhia e prazer erótico, colocando-os em uma posição de vulnerabilidade crescente.

Em *Envelhecer em outro corpo*, Luís Pereira Justo, estimula o debate sobre a transexualidade vivida por idosos, apresentada na história de Paulina, uma idosa de 73 anos, nascida numa cidade do interior do Brasil que nunca desistiu e não desiste de uma cirurgia que lhe permita viver plenamente sua sexualidade desejada.

Envelhecendo na cidade, Monique Borba Cerqueira et al. apresentam um estudo etnográfico exploratório realizado em 2010 sobre o envelhecimento, em que os pesquisadores percorreram bairros, ruas, viadutos e avenidas tradicionais da cidade de São Paulo como a Av. Paulista, Rua 25 de Março, Praça da Sé, Viaduto do Chá, Praça da República, Largo do Arouche, entre outros buscando compreender o cotidiano dos idosos que transitam pelo centro da cidade de São Paulo. A observação sistemática e conversas informais com esses idosos foram as técnicas utilizadas pelos autores para coleta de dados, considerando as dimensões de trabalho e lazer. Desse modo, foi possível aos autores observarem que o trabalho é um importante marcador para a afirmação da identidade desses idosos.

Em *Envelhecimento em situação de rua*, Anderson da Silva Rosa et al. tratam de questões relacionadas à cidade como espaço social onde as contradições se manifestam de forma mais clara. A história de vida foi a técnica utilizada pelo autor para a compreensão do significado do envelhecimento para os



idosos sem teto. O enfoque recai sobre a velhice da mulher em situação de rua e a idosa Maria Rosa é a protagonista. As marcas de seu sofrimento, por viver na rua e da rua, narradas por ela, conduz o leitor à reflexão sobre esse fenômeno específico e impõem atitudes políticas e éticas *para que a morte social não se antecipe à morte biológica*.

Envelhecer nos quilombos, Anna Volochko aborda temas relacionados à história dos quilombos no Brasil, os primórdios do racismo, a trajetória do movimento negro, os quilombos existentes e reconhecidos no Estado de São Paulo, as condições de vida dos quilombolas, emoldurados pelo relato de três visitas domiciliares, permeadas por entrevistas realizadas pela autora.

Pelas lentes da memória, Alessandra Alexandre Freixo, munindo-se das narrativas e de imagens locais que produziu ao longo do estudo, inclusive da residência de seus participantes, procurou compreender as vivências cotidianas e as representações do passado dos velhos agricultores do sertão do estado da Bahia. Nesse contexto é dado destaque à fotografia, ou à arte de fotografar enquanto técnica importante e complementar na pesquisa.

Envelhecendo na América Latina, Mariola Bernal et al. nos apresentam as intercessões entre migração, saúde e envelhecimento, as motivações dos movimentos migratórios, como é envelhecer para esses migrantes e a interlocução entre os processos saúde, doença e atenção em que o ponto essencial são as narrativas e histórias de migrantes andaluzes.

Reflexões sobre o envelhecimento, Yara Nogueira Monteiro et al. constroem, a partir de histórias lembradas e relatadas por pacientes idosos ex-portadores de hanseníase que passaram pelo isolamento compulsório, um panorama do processo saúde/doença e suas implicações. Foram também utilizadas para a coleta de informações a observação participante e a consulta a prontuários clínicos. A estigmatização aparece de forma contundente na expressão “o nós e o eles”. A urgência de construção de uma nova identidade por esses pacientes após o diagnóstico mostra a desestruturação interna e a do núcleo familiar e seu esforço em reunir fragmentos no sentido de uma reestruturação e os vários mecanismos utilizados por esses idosos como o ocultamento da doença.

Em *Aids, envelhecimento, vulnerabilidades*, Renato Barboza inicia seu artigo contextualizando a Aids entre idosos no Brasil traçando um perfil epidemiológico desse fenômeno. Em sequência aponta como está se configurando a produção do conhecimento referido ao campo da saúde pública, mostrando a produção de resumos de trabalhos sobre o tema no período de 2007 a 2010 apresentados nos congressos da Abrasco (Associação Brasileira de Pós-graduação em Saúde Coletiva); a produção de resumos de trabalhos segundo as microrregiões do Brasil; e a proporção de resumos de trabalhos apresentados no VIII Congresso Brasileiro de Prevenção das DST/Aids no ano de 2010. Ao final do seu texto o autor faz algumas recomendações no sentido de *ampliar, qualificar e aprofundar a produção de conhecimentos existentes sobre o tema*.

No último artigo desta coletânea *Envelhecimento, tempo e desejo na hipermodernidade* Abílio Costa-Rosa et al. tratam de questões relacionadas à velhice e desamparo, em que sentimentos de compaixão, resignação e solidariedade constituem o pano de fundo nas relações sociais do idoso e à vida como arte de viver, trazendo à tona o modo capitalista de produção que sustenta o que o autor chama de hipermodernidade e o tempo tendo como intercessor o desejo. Os temas apresentados vêm preencher lacunas importantes na literatura científica relativas ao envelhecimento. Os artigos apresentados trazem contribuições importantes e enriquecedoras, principalmente pelo fato de que a voz a ser ouvida e considerada é a dos idosos por meio de suas narrativas.

Finalizando, acreditamos que o que os autores mostram em seus textos é que a vida na sociedade atual, alterando os processos tradicionais de produção e reprodução da identidade, neste caso dos idosos, confronta estes com sua própria historicidade e, portanto, com a necessidade de reconhecer em si a presença ausente de outros sujeitos e negociar com eles suas demandas e valores¹.

Referências

1. Aleixo MAAR, Figueiredo AEB. Envelhecimento, Identidade e Memória. *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal* 2005; 99(4):26-35.